

A entrevista e o diálogo possível no futebol: projeto “Camisa 10 – Craques da comunidade”

Thomás Silvestre

Acadêmico do Curso de Jornalismo da Unijuí-Ijuí/RS

Professor Marcio Granez

Orientador

Resumo

O presente artigo analisa a relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado durante a execução das entrevistas para o Projeto Experimental “Camisa 10 – Craques da Comunidade”. A análise propõe uma reflexão a respeito da atuação do entrevistador. O projeto resgata a história do futebol amador no município de Humaitá, situado na região Noroeste do Rio Grande do Sul. A dificuldade de localização de registros históricos, ou a sua inexistência, levou à opção pela entrevista em profundidade. Por este motivo também a análise aprofunda a atuação do entrevistador. O método da entrevista foi o principal meio de captação das informações. São tomados como base no estudo conceitos de Entrevista em Profundidade (ZAMBERLAN et al., 2014) e de Diálogo Possível (MEDINA, 2001). O estabelecimento do Diálogo Possível e a aplicação da Entrevista em Profundidade, além de elucidar fatos para o projeto Camisa 10, podem impactar positivamente os grupos sociais envolvidos no processo.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo – Entrevista em Profundidade – Diálogo Possível

Considerações Iniciais

O Projeto Experimental “Camisa 10 – Craques da Comunidade” promoveu uma série de entrevistas com ex-atletas que marcaram suas histórias nas equipes de futebol amador de Humaitá, município situado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho de captação das informações foi um dos procedimentos que mais demandou esforço. O surgimento das equipes locais não conta, em sua quase totalidade, com documentos que atestem as suas fundações. Por isso, as entrevistas adquiriram papel fundamental na elucidação das histórias.

Tendo em vista a relevância da entrevista na coleta de dados, o presente artigo se concentra em refletir a relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Aprofundando ainda mais o recorte da análise, chegamos à importância de que haja confiança entre ambos para que as informações sejam repassadas em sua totalidade. Neste sentido, uma revisão bibliográfica trata de fundamentar a reflexão.

O conceito de “Diálogo Possível” é proposto pela Doutora em Ciências da Comunicação Cremilda de Araújo Medina (2001). O “Diálogo Possível” se estabelece quando as vivências transmitidas pelo entrevistado assumem diferentes interpretações. Em outras palavras, a audiência interioriza a mensagem graças à sensibilidade do entrevistador na condução da entrevista.

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação – repórter – receptor) se interligam numa única vivência (MEDINA, 2001, p. 5)

Medina critica o “dirigismo” utilizado ao executar as tarefas comunicativas: “Enquanto insistirmos na competência do fazer, despojada de significado humano, pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão” (MEDINA, 2001, p. 6). Os jornalistas impõem frequentemente o ritmo de sua pauta e até pré-estabelecem as respostas. No caso da entrevista em profundidade, método utilizado no projeto, é inconcebível promover o dirigismo, justamente pela necessidade de se focar no aspecto humano da conversa.

O comportamento que um entrevistador deve adotar é proposto pelo teórico Edgar Morin (1973 apud MEDINA, 2001, p. 11). Entre duas possibilidades técnicas – a entrevista extensiva (enquetes com questionários pré-elaborados por uma equipe especializada) e a entrevista intensiva (a não diretiva de que fala Rogers), Morin se apegua à segunda. As duas opções de entrevista originalmente foram teorizadas por Carl Rogers. A reflexão de Morin se baseia na prática do diálogo. O enriquecimento informativo de uma entrevista, segundo ele, é favorecido, pois “o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação” (MORIN apud MEDINA, 2001, p. 11).

Morin adverte para a ocorrência de “desvios” e a importância da ação do entrevistador no sentido de identificar esses elementos e garantir a “fluência” da entrevista (1973 apud MEDINA, 2001, p. 12). São tentadoras à dissimulação ou fabulação grandes regiões-tabu,

como sexo, religião, política. O ambiente político, social e cultural do local são fatores preponderantes ao avaliar as respostas de cada entrevistado.

Uma entrevista aprofundada requer a utilização de estratégias comunicativas no processo de edição do material. Cada subgênero da entrevista necessita de um tratamento exclusivo. No caso do presente trabalho, em que as entrevistas recompõem acontecimentos a partir de diferentes vivências e entrevistas, a narrativa indireta é o recurso ideal. Medina (2001) indica de que forma o repórter necessita se portar.

O repórter assume uma terceira pessoa 'equidistante' e vai costurando as declarações em etapas por ele decididas, ao montar a matéria. Se for um amplo material, poderá até *retrancar* (divisões de espaços em submatérias) blocos de informações, com títulos próprios, ao longo da página ou do espaço de edição (MEDINA, 2001 p. 56).

Considerando as diferentes variáveis do ambiente e situação imposta no momento da entrevista, Morin (1973 apud MEDINA, 2001, p. 12) sugere de que forma o entrevistado reage perante seu entrevistador. A inibição se configura em respostas laterais, provocadas pelo bloqueio puro e simples. A timidez ou a prudência induz o entrevistado a escolher antes o "sim" do que o "não", ou ainda optar por um meio termo quando perguntado sobre percentagens. Das situações elencadas pelo autor, é importante para este trabalho lembrar também a condicionalidade imposta pelo exibicionismo, que induz muito "sinceramente" as pessoas a fabulações e comédias.

Medina (2001) aponta outras peculiaridades da entrevista jornalística, principalmente no que se refere ao crédito oferecido para fontes não científicas. Ela lembra que a detenção do Poder leva a sociedade a crer que somente essas fontes oficiais tenham credibilidade: "Enfatiza-se, com isso, a unilateralidade da informação: só os poderosos falam através das entrevistas" (MEDINA, 2001, p. 18). Por meio da entrevista, existe a possibilidade de um diálogo democrático, do plurólogo.

Especificamente sobre as fontes de informação, Medina (2001) alerta sobre o autoritarismo institucional. Ela afirma que esta prática limitou a pluralidade de vozes no circuito da comunicação coletiva. A influência publicitária e política nos meios de comunicação são os principais desencadeadores desta situação. Duas saídas são apontadas para "abrir janelas na poluição ambiental das salas de redação". A primeira diz respeito ao papel do repórter, ao reconhecer que não é ele que detém a informação: "Neste sentido a criteriosa pesquisa de entrevistados deveria ser a empreitada de cada pauta" (MEDINA, 2001, p. 37). A segunda solução proposta é a de que todo comunicador se coloque no lugar da

audiência: “Ele tem de se esforçar não por satisfazer a própria curiosidade, mas o que, presente, a audiência quer saber” (MEDINA, 2001, p. 37).

Medina (2001) ainda pontua o bloqueio e desbloqueio que as pessoas mantêm umas em relação às outras. A relação tende a ficar mais conflituosa quando um jornalista entra em cena: “Por princípio, um jornalista diante de qualquer pessoa é, no mínimo, um invasor, um perturbador da privacidade, aquele tipo que quer tornar público o que o indivíduo nem sempre está disposto a desprivatizar” (MEDINA, 2001, p. 30). Uma relação de confiança precisa ser estabelecida no princípio de qualquer trabalho de coleta de informações. O grau de sensibilidade de um entrevistador é fundamental no processo de construção do diálogo.

Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (MEDINA, 2001, p. 30).

Do ponto de vista científico, cabe conceituar a Entrevista em Profundidade. Conforme Luciano Zamberlan et al. (2014), a técnica é importante para a obtenção de dados qualitativos. A entrevista, neste caso, não é estruturada, mas sim possui caráter direto, pessoal, em que é entrevistada uma pessoa de cada vez, de acordo com suas aptidões e experiências acerca de determinado assunto.

Depois de formular a pergunta inicial, o entrevistador utiliza um formato não estruturado. O rumo subsequente da entrevista é determinado pela resposta inicial, pelas sondagens do entrevistador para aprofundar a pesquisa e pelas respostas do entrevistado (ZAMBERLAN et al., 2014, p. 122).

A Entrevista em Profundidade e a aplicação do “Diálogo Possível” são conceitos norteadores da investigação histórica dos clubes de futebol em Humaitá. Nas entrevistas para o projeto, uma teoria complementou a outra. O método da Pesquisa em Profundidade vasculhou dados qualitativos e o “Diálogo Possível” suavizou o processo, buscando facilitar a captação das informações.

As etapas de produção do projeto

O Projeto Experimental “Camisa 10 – Craques da Comunidade” objetiva resgatar histórias do futebol amador no município de Humaitá-RS. As histórias dos clubes locais são

recontadas por meio de reportagens divulgadas no site: camisadez.net. A intenção é praticar um jornalismo esportivo investigativo.

O “Camisa 10” surge como uma alternativa na produção de conteúdo esportivo. A espetacularização domina a cobertura jornalística no esporte e coloca à margem pautas investigativas neste segmento. O apelo publicitário e a audiência que os grandes eventos proporcionam acabam por condicionar a divulgação das informações. Marcos Emílio Padilha (GOMES, 2014) propõe uma reflexão acerca deste modo de produção.

O papel do jornalismo esportivo nesse roteiro é que está sendo desempenhado de jeito, digamos, estranho. Diferentemente do que acontece na cobertura política e econômica, nas quais a vigilância sobre a atitude dos protagonistas é premissa do trabalho bem-feito, a imprensa esportiva realiza grande parte de seus esforços em torno dos elementos de promoção do espetáculo e não muitos na direção do que se convencionou chamar de jornalismo investigativo. (GOMES, 2014, p. 47)

Inicialmente foram escritas dez reportagens, com o objetivo de investigar as origens do futebol amador em Humaitá. Os textos relatam a história de seis equipes e refletem outros quatro aspectos relevantes para o setor, como a participação feminina, arbitragem, segurança e cobertura dos veículos de comunicação locais. A edição das reportagens levou em conta elementos do *New Journalism* e conceitos de redação jornalística conforme os elementos da narrativa digital.

A origem do estilo conhecido como *New Journalism* remete a meados dos anos 1960, nos Estados Unidos. A reportagem adquiriu a partir daí um aspecto literário, com primor de detalhes e recursos de linguagem, a fim de prender a atenção do leitor. No Brasil o estilo chegou em 1966, com o lançamento da revista Realidade e do Jornal da Tarde. O Doutor em Ciências da Comunicação Edvaldo Pereira Lima (2003) contextualiza o surgimento do movimento.

A exuberância narrativa do new journalism norte-americano marcou época, instigou corações e mentes a produzir reportagens de profundidade caracterizadas pelo intenso mergulho do repórter na realidade. Profissionais de merecida fama, como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, George Plimpton, Joan Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed, John Sack e tantos outros, transformaram-se em referência inspiradora para novas gerações de narradores motivados a praticar um jeito diferente de fazer jornalismo. (LIMA, 2003, p. 9)

O baixo custo de implantação e a capacidade de abranger um grande público foram os motivos que levaram este projeto a ser desenvolvido para a internet. Além das reportagens em texto, o camisadez.net ainda conta com materiais em foto, áudio e vídeo. A preocupação foi de oferecer conteúdo em diferentes formatos, levando em consideração o conceito de

convergência de mídias. Não existe, até o momento, produção jornalística que tenha aprofundado a investigação sobre as origens do futebol em Humaitá. Por esse motivo o trabalho de resgate histórico do “Camisa 10 – Craques da Comunidade” faz-se necessário. Pollyana Ferrari (2007) detalha o conceito de mídia digital.

Mídia refere-se aqui ao tipo de expressão usada na criação do roteiro e suportes da narrativa. A televisão usa vídeo, áudio e desenhos animados. Notícias impressas utilizam texto, fotos e gráficos estáticos. O ambiente digital permite ao narrador usar qualquer um ou todos esses tipos de mídia na apresentação de seus textos. (FERRARI, 2007, p. 123)

As estratégias propostas buscam tornar acessíveis e instigantes histórias até então não divulgadas pelos meios tradicionais de comunicação. O público assim pode, além de ler as reportagens, acessar fotos históricas, assistir a uma série especial em vídeo e conferir áudios das entrevistas realizadas. Tecnicamente, Ferrari (2007) sugere a classificação de quatro aspectos diferentes no meio: configuração, tipo, ritmo e edição.

O *camisadez.net* é passível de análise por meio da classificação técnica proposta por Pollyana Ferrari. Na “configuração”, o modelo utilizado foi o de narrativas em multimídia. Para isso acontecer, segundo Ferrari (2007), é necessário pelo menos dois tipos de mídia. O site conta com três linguagens: textual, foto e vídeo. O aspecto “tipo” diz respeito a elementos técnicos dos materiais. No caso, o conteúdo é estático, ou seja, sem muitos elementos estéticos ou movediços. O “ritmo”, que define se o conteúdo é ao vivo ou gravado, no *camisadez.net* se apresenta como gravado ou na forma de imagens históricas. A “edição” define o grau de alteração que o conteúdo sofreu até a publicação. O projeto demandou intenso trabalho de edição nas diferentes plataformas.

A proposta foi colocada em prática na última semana de fevereiro de 2015, logo que o semestre letivo iniciou. As primeiras medidas foram de ordem técnica. Até o final da segunda semana foi escolhido o modelo de site utilizado e definido o nome do projeto. O título “Camisa 10” leva em conta o protagonismo que os jogadores que vestem esse número ostentam. O subtítulo “Craques da Comunidade” revela a intenção de destacar os valores locais.

No mês de março teve início a etapa de seleção das fontes e realização de entrevistas em profundidade. O método se mostrou fundamental para a realização deste trabalho, tendo em vista a dificuldade em localizar arquivos bibliográficos ou registros históricos. A tradição oral predominou no recorte de indivíduos investigados.

Os meses de março e abril foram dedicados integralmente ao processo de localização das fontes e deslocamento até suas respectivas residências a fim de promover as entrevistas. A partir do relato de cada entrevistado, novos personagens eram conhecidos. A seleção de novas fontes foi sendo requisitada na medida em que se faziam necessários mais elementos para elucidar os fatos. Um encadeamento de entrevistados se formou e diferentes perfis de pessoas foram consultados.

Entre o início de maio e primeira quinzena de junho, o trabalho entrou na fase de edição e finalização do material coletado. As entrevistas em sua maioria foram realizadas com o recurso de um gravador de áudio. Um “script” básico pontuou alguns temas a serem lembrados durante o diálogo. As perguntas surgiam no decorrer da conversa. O ambiente escolhido foi de acordo com a comodidade das fontes. Na maioria dos casos, o local do encontro foi na própria residência dos entrevistados, em horário noturno. Após a entrevista, o passo seguinte para cada reportagem foi transcrever os áudios coletados. A última quinzena do mês de junho foi reservada para publicação das reportagens e materiais complementares no site camisadez.net.

Relações teórico-práticas

A abordagem por meio da entrevista em profundidade se fez fundamental na investigação. A memória histórica dos clubes de futebol humaitense está em sua maioria apenas nas recordações de quem vivenciou pessoalmente as experiências. Uma pesquisa bibliográfica, na Biblioteca Pública Municipal, e o contato com atuais diretores ou lideranças comprovaram a escassez de documentos sobre a fundação dos clubes.

Das seis equipes investigadas, por exemplo, apenas uma apresentou registros escritos. O caso citado é o do Esporte Clube Internacional do Bairro Operário. Um extrato do Diário Oficial da União, guardado por um ex-atleta, atesta o funcionamento do clube no ano de 1957. “A Sociedade ‘Esporte Clube Internacional de Humaitá’ é órgão fomentador dos desportos em geral, terá duração por tempo ilimitado e sua sede e foro em Humaitá, Município de Crissiumal, Estado do Rio Grande do Sul”, registra o documento datado em 24 de outubro de 1957.

As circunstâncias encontradas convergiram para a escolha da entrevista em profundidade como método primordial de pesquisa. Tendo em vista que, além de fotografias, a única fonte de informação disponível era de pessoas aptas a relatar os fatos oralmente, foi

necessário preparar com cuidado cada entrevista. A preocupação maior foi em deixar o entrevistado à vontade, a fim de que ele pudesse explicar as suas ideias sem inibição. Para isso, o conceito de “Diálogo Possível” surge como norteador do processo.

O conceito proposto por Medina (2001) trata do fenômeno da identificação, que ocorre quando o leitor se interliga com entrevistador e entrevistado numa única vivência. A sintonia só poderia ser alcançada, neste caso, se o entrevistador se colocasse no lugar do leitor. Isso aconteceu. Um exemplo ilustrativo reflete uma das expressões mais utilizadas nas entrevistas, o “quando”. As respostas às perguntas com essa palavra incluída quase sempre foram vagas, principalmente em se tratando de acontecimentos transcorridos há 40 ou até 50 anos. Os precursores do esporte no município são senhores na faixa dos 70 ou 80 anos.

A fim de localizar as novas gerações de leitores, a estratégia foi buscar comparações com elementos da época ou acontecimentos globais do período. Medina (2001) tem sugestões ao entrevistador neste caso: “Ele tem de se esforçar não por satisfazer a própria curiosidade, mas o que, presente, a audiência quer saber” (MEDINA, 2001, p. 38). Assim, pela associação, as datas ou pelo menos o ano dos fatos foram elucidados. No momento em que as estratégias empregadas no diálogo surtem o resultado esperado – elucidação – se percebe o cumprimento do processo de identificação. Assim, o Diálogo Possível se concretiza e a sincronia esperada entre as partes fica estabelecida, envolvendo entrevistado (fonte), entrevistador (mediador) e leitor (receptor).

Cientificamente o método investigativo posto em análise é conhecido como Entrevista em Profundidade. As informações necessárias para o trabalho foram de ordem qualitativa, por isso o método se mostrou eficaz. As entrevistas do projeto seguiram à risca a orientação proposta para esse tipo de investigação. Em cada caso, seja na entrevista com um senhor de idade, ou com algum jovem iniciante no esporte, uma das únicas ferramentas utilizadas foi o gravador de áudio. A estruturação prévia das entrevistas contou, no máximo, com um levantamento básico dos dados pessoais e os tópicos relevantes para a temática.

Zamberlan et al. (2014) sugerem que o entrevistador se utilize de um formato não estruturado a partir da primeira pergunta. Além disso, os autores citam que as perguntas seguintes sejam formuladas tendo como base a resposta inicial. As orientações foram levadas em consideração, principalmente no que diz respeito ao roteiro não-linear previsto para as entrevistas. Cabe ressaltar que, nesse tipo de conversa, a atenção às palavras proferidas pelo entrevistado deve ser total. Isso porque não existe um roteiro de perguntas para recorrer em caso de distração. Concentrado, o entrevistador mantém o “fio da meada”.

Para que o diálogo fluísse de forma constante, outra medida adotada foi transferir a condução do diálogo para o entrevistado. Ele se tornou o centro da conversa. O investigador, assim, procurou deixá-lo bem à vontade. Isso inclui acompanhá-lo na roda de chimarrão, deixá-lo interromper a conversa quando desejar. Em cada entrevista não houve qualquer restrição temporal, afinal, cada informação repassada seria preciosa e talvez única. Os gestos e comunicação corporal também transmitem informações que não podem ser desconsideradas.

Morin (1973 apud MEDINA, 2001, p. 11) discorre sobre a importância do deslocamento do centro do diálogo para o entrevistado. A iniciativa, segundo ele, contribui na liberação e desbloqueamento da situação inter-humana. As informações necessárias para a investigação muitas vezes estavam escondidas na memória do entrevistado. Considerando que o entrevistador é no mínimo um perturbador do sossego alheio, segundo o próprio Morin descreve, se torna ainda mais importante desprover-se de dirigismo. Qualquer possível desconforto inicial pode assim tentar ser minimizado.

A inibição foi um dos primeiros entraves encontrados ao iniciar o diálogo com os entrevistados. Existem diferentes variáveis que influenciam no momento da entrevista, seja a condição social desta pessoa, idade ou até o fato de ter que expor algum sentimento a público, antes guardado somente para si. A fim de evitar que a timidez atrapalhasse a investigação, atitudes emergenciais necessitaram ser tomadas.

A primeira providência, com o intuito de combater os casos de timidez, foi de identificar qual a origem do desvio. Um exemplo que pode ser citado diz respeito a uma das poucas entrevistas feitas sem a utilização do gravador. Para a maioria das fontes consultadas, o gravador não representou qualquer tipo de ameaça. Mas para um homem em específico o diálogo só pôde ser estabelecido após o desligamento do aparelho. Gestos e comunicação visual denunciaram o desvio. Imediatamente foi preciso desligar o gravador e iniciar os registros escritos da entrevista.

A sensibilidade do entrevistador necessita, portanto, estar sempre aguçada, a ponto de conseguir identificar rapidamente o agente causador da inibição. O pressuposto básico para o estabelecimento de um diálogo é a confiança. Na primeira troca de palavras entre ambos uma impressão já pode ser tirada. Caso a confiança não se estabeleça de imediato, um amadurecimento prévio desta relação precisa ser instigado. Isso se dá por meio de uma conversa referente a assuntos diversos de interesse do entrevistado, que possam lhe tranquilizar a fim de retornar ao ponto principal da entrevista, que é a experiência vivenciada no esporte.

Os mesmos fatores que induzem à timidez também contribuem para que alguns entrevistados adentrem no campo do exibicionismo. A respeito desse aspecto, a busca por diferentes pontos de vista auxilia a combater exageros narrativos. Os clubes são organizações sociais e, como toda organização do gênero, possuem movimentos contrários disputando seu comando. As críticas ou relato de realizações promovidas em determinado mandato necessitaram ser postas à prova. A contraprova pôde ser realizada mediante perguntas mais incisivas no momento da entrevista ou buscar novas fontes para questionar seu ponto de vista sobre o acontecimento.

Um exemplo ilustrativo desta situação é o relato de um dirigente que se vangloria das obras realizadas e de ter batizado o nome do estádio do clube. Ao consultar atletas da época, foi descoberto que as obras realizadas são verdadeiras, mas o batismo do estádio foi feito de forma não democrática e que teria desagradado a maioria dos associados. Não existem registros que comprovem a escolha democrática do nome do estádio. Por isso, as duas opiniões são expostas no texto e ao leitor fica a tarefa de tomar uma posição ou não.

Em média, cada reportagem contou com quatro fontes consultadas. A pluralidade de vozes é uma das marcas do “Diálogo Possível”. O modelo também requer a amplitude de vozes sufocadas. O perfil dos entrevistados indica que esta recomendação foi cumprida. Isso porque a maioria dos entrevistados são agricultores, comerciantes ou aposentados. O “Diálogo Possível” se caracteriza pela oportunidade a fontes não oficiais. A sociedade acredita que só quem detenha o Poder possua o direito à opinião. No entanto, é papel do comunicador inverter essa lógica e possibilitar um diálogo democrático, o chamado plurólogo.

Considerações finais

A utilização de uma plataforma *on-line* para divulgação das reportagens do Projeto Experimental “Camisa 10 – Craques da Comunidade” foi oportuna se comparado ao conceito de “Diálogo Possível”, proposto por Medina (2001). A oportunidade de promover um diálogo democrático na plataforma digital surge como uma válvula de escape aos meios, entrevistados e pautas tradicionais da comunicação.

Medina comenta sobre a comunicação dirigida, tão presente em veículos tradicionais e que durante muito tempo limitou a pluralidade de vozes: “Esta prática jornalística atrasada se configura como monológica, ainda que se mascare de ‘pluralidade’ nas entrevistas editadas”

(MEDINA, 2001, p. 26). O rompimento da estrutura baseada na ditadura da oferta, segundo ela, depende da modernização na sociedade brasileira e na comunicação coletiva.

À época, Medina (2001) tratava a ideia como uma utopia. Em 2015, quatorze anos depois, talvez a iniciativa esteja menos difícil de ser implementada. Isso porque a internet, em especial as redes sociais, globalizaram e democratizaram a informação. O poder de produzir informação chegou às mãos do público. No entanto o jornalista não perdeu espaço. O profissional pode agora, se quiser, desenvolver um diálogo democrático em um ambiente democrático. O site *camisadez.net* tem esse propósito.

Atualmente a proposta compõe um Projeto Experimental para Conclusão do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Unijuí. Contudo, nada impede que a iniciativa prossiga descobrindo o futebol amador de Humaitá. Que o projeto possa inspirar outros estudantes ou profissionais a promover o Diálogo Possível em outras comunidades. A região Noroeste do RS é repleta de pequenos municípios carentes de microfones que libertem as suas “vozes sufocadas”.

Referencial teórico

FERRARI, Pollyana. **Hipermídia, hipertexto**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007. 192 p.

GOMES, Marcos Emílio. E vestir a camisa, pode? Como a parcialidade, o bairrismo e a espetacularização afetam a qualidade da cobertura de esportes. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 3, n. 9, p. 40-49, abr./mai./jun. 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário: o legado de ontem. In: COELHO, Andreia. **New journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. p. 09 (Série Estudos. Cadernos da comunicação, v.7).

MEDINA. Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001. 96 p.

ZAMBERLAN, Luciano et al. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas**. Ijuí: Unijuí, 2014. 208 p.